

A TENSÃO ENTRE A RELIGIÃO CRISTÃ E A AFRO-BRASILEIRA NA MEMÓRIA DISCURSIVA DAS NARRADORAS DO ROMANCE *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR (2019)

Beatriz Farias Almeida
*Graduanda no curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande. Bolsista de iniciação científica/CNPQ.
beaalmeida740@gmail.com*

Aloísio de Medeiros Dantas
*Professor de Língua Portuguesa e Linguística da Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal de Campina Grande.
alodanta@yahoo.com.br*

Simpósio Temático n° 20 – ESTUDOS CONTRACANÔNICOS EM LITERATURAS E CULTURAS

Resumo

O presente trabalho investigou a perspectiva de espiritualidade que se manifesta na memória discursiva das narradoras do romance “*Torto Arado*”, de autoria do escritor baiano Itamar Vieira Junior (2019). Posto isto, elaborou-se uma discussão acerca do estigma que as religiões de matriz afro-brasileira carregam, a relação que as personagens desenvolvem com o jarê, e o confronto gerado pela tentativa de subalternização de uma cultura marginalizada. Os preceitos metodológicos adotados visam estabelecer, através da análise bibliográfica, uma ótica observacional que possa suprir a importância do Jarê para a constituição pessoal das personagens. Para tanto, foram utilizadas as contribuições teóricas de Silva (2012), Araújo e Acioly (2016), Banaggia (2017), e Eni Orlandi (2012). O papel da memória discursiva para a interpretação do romance é crucial, visto que é possível, através dela, enxergar as peculiaridades que o autor atribui a cada personagem e como elas se diferem no modo de relacionar-se com o credo, utilizando-o como pilar para superar os obstáculos. É evidente o quanto a materialização de uma ideia como a de “*Torto Arado*” traz à luz debates até então silenciados pelas mãos modalizadoras do Estado, aflorando o sentimento revolucionário adormecido no coração de seus leitores.

Palavras-chave: Memória discursiva. Jarê. Torto Arado. Afro-religiões. Intolerância religiosa.

Abstract

This paper has investigated the spiritual perspective manifested in the discursive memory of the narrators in the novel “*Torto Arado*”, by Bahian author Itamar Vieira Junior (2019). Therefore, a discussion has been elaborated around the stigma carried by Afro-Brazilian religions, the relationship developed by the characters with the Jarê religion, and the conflict generated by

attempts of inferiorization of a marginalized culture. The methodological precepts which were adopted seek to establish, through bibliographical analysis, an observational standpoint which is able to sustain the importance of Jarê in the characters' personal formation. For this, were used the theoretical contributions by Silva (2012), Araújo and Acioly (2016), Banaggia (2017), and Eni Orlandi (2012). The role of discursive memory in the novel's interpretation is essential, since through it, it is possible to observe the peculiarities the author attributes to each character and how they differ in their relationship with faith, using it as a pillar to overcome obstacles. It is evident how the materialization of an idea such as the one of "*Torto Arado*" brings light to debates until then silenced by the modalizing hands of the State, making the revolutionary sentiment dormant in its readers' hearts bloom.

Keywords: Discursive memory. Jarê. Torto Arado. Afro-Brazilian religions. Discourse analysis.

Introdução

Apesar de ter suas práticas religiosas demonizadas frente ao cenário brasileiro atual, as religiões de matriz afro-brasileira, desde as suas primeiras realizações, “não cultuavam nenhum espírito maligno, apenas espíritos que são associados à força da natureza, os quais são responsáveis pelo equilíbrio existente na terra” (ARAÚJO; ACIOLY, 2016, p. 573). Todavia, sua origem entrelaçada à espiritualidade e ancestralidade dos negros escravizados trazidos ao país, bem como todas as outras expressões culturais que representavam esse povo, foi associada ao barbarismo através dos mecanismos de controle social da época. Desumanizar os corpos negros solidificava seu papel enquanto mercadoria, então a manutenção desse poderio dava-se por meio do apagamento cultural de suas raízes a partir de falácias de cunho racista, que eram disseminadas sem que houvesse apoio crítico para lhes fundamentar, mas que foram facilmente agregadas ao imaginário coletivo pela repetição, constituindo um sólido evento da memória discursiva, ou seja, aquilo que “pressupõe uma vulgata (senso comum oriundo de uma popularização de significado, que possui regularidade)”

(ACHARD, 1999 apud CAMARGO, 2019, p. 8).

Camargo (2019) pressupõe, em sua pesquisa, que o advento da memória discursiva busca compor uma “arqueologia” da análise do discurso, tendo em vista sua função social de perpetuar dizeres construídos a partir do consenso entre os indivíduos de uma comunidade. Domingos e Bezerra (2017) exploram uma definição semelhante, mostrando-nos que o arcabouço variado que compõe a memória discursiva não é aquele que diz respeito apenas a um único indivíduo, mas a “uma memória coletiva de um determinado grupo social” (p. 27). Esta memória também apresenta uma capacidade ímpar de deslizamento de sentidos, ou seja, não pode ser considerada um material fixo e homogêneo, visto que, apesar de transitar através do imaginário coletivo, é nele que ela se modifica, flexibiliza e permeia novas significações, novos modelos antes não pensados. Dialogando com *corpus* de análise, o entendimento da memória discursiva aplicada ao romance “Torto Arado” (VIEIRA JUNIOR, 2019) suscita o debate acerca da intolerância religiosa oriunda a uma sociedade que se beneficiou do processo de objetificação de um povo, mas que nunca respeitou nenhuma de suas manifestações culturais.

Itamar Vieira Junior (2019) traz à luz “*Torto Arado*”, um romance de teor regionalista-político que bebe no leito de um movimento literário que esteve em seu ápice, especialmente, na década de trinta. A essência estética que subjaz a este arquétipo da literatura brasileira está intrinsecamente atrelada à representação de uma realidade periférica e pouco valorizada até o momento vigente, em que as personagens nada mais são do que sujeitos comuns, sem os floreios da sociedade modelo que estava sendo edificada nas terras tropicais do Brasil. O autor

busca salientar, em sua obra, a baixa qualidade de vida das personagens residentes da fazenda Águas Negras, a negligência do governo quanto à fiscalização dos direitos trabalhistas nos interiores do país, e o poder místico do Jarê, caracterizado como: “Religião de matriz africana existente somente na Chapada Diamantina (BA), e exemplifica um desenvolvimento paralelo ao dos candomblés litorâneos” (BANAGGIA, 2017, p. 123).

As narradoras Bibiana e Belonísia são filhas do curador Zeca Chapéu Grande, figura patriarcal tanto da religião, quanto da comunidade de agricultores que residem na fazenda, responsável por presidir as festas de Jarê que ocorriam em sua casa. No entanto, por mais que esta religião mantenha certa superioridade numérica com relação à quantidade de adeptos em sua região, há um conjunto de atitudes repressivas encabeçadas pelo comprador da fazenda. Este, por sua vez, coordena ataques contra os moradores que se negam a aceitar seu modelo administrativo, e busca convertê-los ao protestantismo.

Tomando por base a tensão entre o cristianismo de vertente protestante e o jarê, no discurso da obra, assim como a utilização da conversão religiosa como agente modalizador do domínio sobre a parcela da população que se rebela contra as injustiças cometidas pela elite, elaboramos a seguinte questão norteadora: *De que forma a perspectiva de espiritualidade se manifesta na memória discursiva das narradoras do romance Torto Arado, de Itamar Vieira Junior (2019)?* Posto isso, nosso objetivo geral é compreender a influência que a memória discursiva exerce no comportamento das narradoras do romance. Para tanto, traçamos como objetivos específicos: a) Discutir acerca dos estereótipos negativos que impregnam as religiões de

matriz afro-brasileira no Brasil; e b) Analisar o papel do Jarê enquanto peça fundamental para a constituição da personalidade reativa das narradoras do romance.

A justificativa que serve de pilar argumentativo para a realização desta análise está atrelada à importância de um estudo da linguagem sobre a problemática da intolerância religiosa destinada às práticas explicitadas anteriormente. À vista disso, este trabalho vem desnaturalizar a ideologia dominante, trazendo à superfície debates que muitas vezes são sufocados pela memória coletiva, utilizando-se da literatura enquanto reflexo dos problemas e demandas que atravessam o cotidiano de nossa sociedade.

Assim sendo, optamos por organizar este artigo em três seções, são elas: *As Nuances da Intolerância Contra Afro-Religiosos no Brasil*, em que tecemos considerações acerca dos estigmas sociais que cercam as práticas religiosas de matriz afro-brasileira, como também as minúcias do racismo, que limita o direito à liberdade de expressão de seus praticantes; *O Jarê na Memória Discursiva das Narradoras*, em que buscamos discorrer sobre o papel do Jarê na narrativa enquanto religião que permeia o cotidiano das narradoras, configurando-se como forma de resistência política; e *Considerações Finais*, seção pautada em apontamentos e reflexões acerca da análise efetuada ao longo destas páginas.

As Nuances da Intolerância Contra Afro-Religiosos no Brasil

Antes de começar a esmiuçar as propriedades referentes a cada um dos objetivos, é necessário conceituar o que pode ser interpretado como religiosidade e espiritualidade. Segundo Zerbetto et al (2017), a religiosidade nada mais é do que o exercício de práticas e crenças que

correspondem a uma religião, seja na “participação em um ambiente de cunho religioso ou no ato de rezar ou orar” (p. 2). A religiosidade, portanto, está ligada ao conjunto de dogmas de uma determinada religião, assumindo um caráter mais inflexível no que diz respeito às experiências pessoais dos indivíduos. O dicionário, porém, online de português caracteriza este termo como: “Reunião das virtudes religiosas; preceitos éticos de caráter religioso”.

Um excerto retirado do livro em análise que pode exemplificar este conceito, é o que narra como Zeca Chapéu Grande construiu uma casa em ano bissexto mesmo contrariando as regras do jarê: “No último ano de vida, meu pai foi contra todas as recomendações que havia feito **em relação aos interditos próprios do jarê**, e que nos eram impostos para os anos bissextos” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 152, grifo nosso). Ao construir uma nova casa em ano bissexto, o patriarca da família subverte as recomendações próprias do Jarê, ou seja, os dogmas consolidados nas entranhas desta religião, rompendo com a ideia de religiosidade ao passo que prioriza o desejo puramente humano de fazer algo por sua família, neste caso, garantir que pudessem viver tranquilamente em uma residência sem os problemas estruturais da atual moradia.

O conceito de espiritualidade, no entanto, difere-se do anterior ao passo que consiste em uma “relação pessoal com o objeto transcendente (Poder Superior), o metafísico” (HUFFORD, 2010 apud ZERBETTO, 2017, p. 2). Mas o que isso quer dizer? Que cada sujeito vivencia sua espiritualidade de forma particular, e que não há regras quanto a como se dá a ligação entre indivíduo e ser superior, seja este um deus presente em alguma religião ou a simples conexão com a energia do universo. Donana, avó das meninas e personagem fundamental para a trama, tinha sua mediunidade a florada e era cotada pelos encantados para assumir o papel de curadora da região, mas recusou o dever, ou seja, não aceitou experienciar sua espiritualidade à guisa do que desejavam para si: “Os encantados a aguardariam chegar à idade adulta para que pudesse ela própria ser uma curadora e guiar os espíritos em benefício dos que necessitavam de seus poderes” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 160).

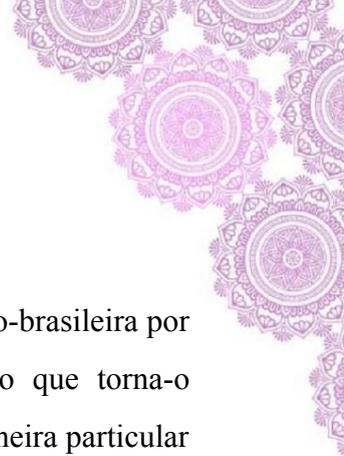
O que torna, então, uma variável religiosa mais bem aceita socialmente que outra, se os processos pelos quais seus adeptos vivenciam-nas são semelhantes em teoria? A resposta para essa pergunta é fácil, mas dolorosa: racismo. Desqualificadas nos planos moral e religioso através de termos como “baixo espiritismo” (SILVA, 2012, p. 3), as religiões de matriz afro-brasileira sempre foram rebaixadas à bruxaria e manipulação de magia “negra”, e não havia argumento algum, por

mais lúcido que fosse, que pudesse romper com este estereótipo, visto que somos frutos de uma sociedade que condena o que foge ao padrão estabelecido, e insiste em não assumir seus erros diante de fatos históricos, por mais que as provas estejam postas em frente aos seus olhos. As religiões afro-brasileiras foram “mantidas sob forte repressão institucional até a década de 1940” (SILVA, 2012, p. 3), e oprimidas por políticas de higienização das cidades, que as concebiam como perigo para a saúde moral e psíquica da sociedade (QUEIROZ, 1999, apud COSTA, 2009).

Silva (2012), em sua pesquisa, entrevistou alguns religiosos neopentecostais, e o resultado obtido não podia ser diferente de uma enxurrada de falas preconceituosas, tal qual “Não é religião, espiritismo não é religião, **xangozeiro não é religião**” (p. 12, grifo nosso), se levado em consideração que “a cada 15 horas, uma queixa de discriminação por motivo religioso é registrada no Brasil, a maioria contra credos afro-brasileiros” (MOTTA; JACOBS, 2018, on-line). Em um país como o nosso — o último a abolir a escravatura no continente americano — em que não foram instauradas políticas públicas que pudessem garantir o mínimo padrão de qualidade de vida para que a população preta fosse capaz de alcançar a liberdade longe das correntes e chicotes, tal pensamento não surpreende, mas decepciona.

No que se refere à conversão religiosa de povos racializados, desde o período que compreende as grandes navegações até os dias atuais, não foi por acaso. Pontes (2021) afirma que “a catequização se tornou algo essencial para a Coroa desde o início da colonização: era necessário impor a educação cristã e excluir do cotidiano dessa população o que era tido como crenças pagãs” (on-line). O que o autor intitula de “crenças pagãs” são o subsídio cultural de um povo, e as conexões com sua ancestralidade. A religiosidade, tanto indígena quanto africana, é a matriz geradora das crenças de seu povo, logo, “pensar que expressões religiosas não cristãs eram vistas como deturpadoras de uma sociedade que se queria civilizada, ideal e católica” (SILVA, 2012, p. 15) representa a arma de dominação política do Estado e o sufocamento da liberdade de proferir seu próprio credo. O indivíduo racializado que abdica de seus credos para ser iniciado em uma religião de prestígio tem uma parte de seus estigmas abrandados e, veja bem, não há redenção completa, já que este continua sendo uma pessoa preta, ou indígena, em uma sociedade racista que não cultiva o mínimo senso de empatia pelo “diferente”, mas o racismo se apresenta de forma velada.

O Jarê na Memória Discursiva das Narradoras



O jarê, nosso objeto de estudo, se difere das demais religiões de matriz afro-brasileira por sofrer forte influência de entidades espirituais ligadas à população indígena, o que torna-o heterogêneo quanto às suas práticas. Banaggia (2017) pontua, em sua pesquisa, a maneira particular com que as entidades caboclas passaram a se manifestar nos ritos nagôs: “O fato é que esses seres, sempre chamados de ‘donos da terra’, surgiam durante as celebrações das nagôs e exigiam participar das ocasiões rituais” (p. 126). Há, portanto, a participação efetiva de espíritos que já habitavam aquela região e assumem o papel de protetores da terra, após seu povo ter sido brutalmente injustiçado e marginalizado, expulsos do território em que viviam tranquilamente até a chegada dos invasores europeus.

A prática religiosa que protagoniza o romance envolve festas que duram entre cinco e dez horas, em que os seus adeptos dançam, cantam, e permitem que entidades “se manifestem em seus corpos” (BANAGGIA, 2017, p. 4), uma centena de vezes por noite, o que Itamar Vieira Junior explora com maestria nas páginas em que descreve as chamadas “brincadeiras de Jarê”, sempre vistas como momentos de alegria e reconciliação, uma vez que todos os moradores da fazenda compareciam para prestigiar e estreitar laços através do exercício da espiritualidade, como é possível observar no trecho: “Se era brincadeira de jarê, ficávamos acordados até a madrugada correndo pelo terreiro, contando histórias e rindo alto” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 39).

Considerando que os demais pontos tenham sido esmiuçados, passamos ao segundo momento da discussão, em que será dissertada a tensão que reelabora a memória discursiva das narradoras de *Torto Arado* (VIEIRA JUNIOR, 2019), iniciando pela irmã mais velha, Bibiana, que narra as memórias infantis de uma adulta licenciada em pedagogia e membro ferrenho do sindicato dos trabalhadores em conjunto ao marido Severo, morto por uma horda de represálias ministradas pelo dono da fazenda.

Logo nas primeiras páginas do romance, há um evento peculiar que marca o início da imersão espiritual do leitor na história, em virtude do caso de possessão da personagem Crispina, que rendeu-se à loucura após flagrar o noivo traindo-a com sua irmã. O curador Zeca Chapéu Grande é acionado como porto seguro deste tipo de mal, e a criança descreve:

Desde cedo, havíamos precisado conviver com essa face mágica de nosso pai. Era **um pai igual aos outros pais que conhecíamos**, mas que tinha sua **paternidade**

ampliada aos aflitos, doentes, necessitados de remédios que não havia nos hospitais, e da sabedoria que não havia nos médicos ausentes daquela terra. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 29, grifo nosso)

Atentando-nos aos grifos, lê-se a naturalidade com que Bibiana percebe a situação, pontuando que seu pai exerce funções pré-concebidas do que convencionou-se atribuir à figura paterna que, neste caso, não transbordam a ótica subversiva. Analisando com mais afinco a imagem de Zeca, pode-se dizer que ele estabelece uma autoridade patriarcal, própria da sociedade ocidental, e estreita laços pelo que provê aos filhos, seja colocando comida na mesa ou garantindo o acesso à educação institucional mediante a construção da escola que tanto lutou para trazer à Águas Negras.

Para Bezerra e Domingos (2017), as palavras adquirem sentido aliadas às suas condições de produção e discurso, portanto, ao volver nossas orbes para o uso do termo “ampliada”, na frase “tinha sua paternidade *ampliada* aos aflitos, doentes, necessitados de remédios que não havia nos hospitais”, infere-se que ele estende seu cuidado aos enfermos, mas que também enxerga tais situações como deveres intrínsecos ao papel de curador. Abarcar a função de trazer calma, o apoio de uma mão amiga, e o abrigo necessário para seus pacientes se recuperarem, dedicando-se fervorosamente ao ofício, faz com que sua família de sangue se habitue aos rituais de cura. Bibiana não enxerga estranheza na espiritualidade de seu pai, pois a memória que carrega consigo desde muito nova trata as práticas do Jarê como cotidianas: “Ao mesmo tempo que **me orgulhava da deferência que lhe dedicavam**, sofria por ter que dividir a casa com visitas nada discretas” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 28 grifo nosso), e não dignas de escárnio. Isto é, a sua memória pessoal, alinhada à ideologia coletiva presente na fazenda localizada na Chapada Diamantina (BA), confere um lugar de prestígio ao Jarê.

Próximo ao fim de sua narração, quando a personagem está preparando-se para fugir com o namorado, o autor descreve a seguinte interação entre a garota e uma santa, até então desconhecida, que foi incorporada na festa, aproximando-se para lhe sussurrar uma profecia:

Ela falou sobre um filho, mas era uma frase sem nexos que não recordo com exatidão, algo como «vai de filho». Falou também que eu estava para correr o mundo a cavalo, animal que nossa família não tinha, o que me deixou ainda mais atordoada. Que **tudo iria mudar**. E a sentença que permaneceu mais exata em minha memória e resistiu aos golpes que minha vida sofreria nos anos vindouros foi que «**de seu movimento virá sua força e sua derrota**». (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 77)

O movimento citado é de cunho político, e diz respeito à esfera progressista em que posteriormente Bibiana recorrerá para trazer o mínimo de dignidade e informações para a comunidade de Águas Negras. A sentença que ilustra os dizeres da santa alerta à adolescente que: “de seu movimento virá sua força e sua derrota”, ou seja, é dessa ascensão política que virá a ruína da personagem logo após retornar a terra natal. Aqui, Santa Rita Pescadeira não pretende fazê-la desistir com seu aviso, mas alertá-la de que seu caminho não seria fácil de ser trilhado, principalmente em um mundo que a derrubaria ao mínimo deslize. Segundo Orlandi (1999), o não-dito configura o implícito, “um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (p. 13), sendo assim, a preocupação de Santa Rita Pescadeira em reivindicar devoção na festa de Jarê para alertar Bibiana inscreve sua proteção nas entrelinhas, como vinha observando-as e como pretendia zelar por sua integridade nesta nova jornada.

A narração de Belonisia, por sua vez, está localizada no entremeio do romance, e inicialmente é voltada ao desenrolar de um casamento frustrado com um forasteiro problemático que chega a fazenda lançando-lhe galanteios durante as festas de Jarê, mas que deixa de ser um “bom moço” quando consegue o que quer de si: casar-se para que a garota organize sua casa, faça todas as obrigações do dia a dia e ainda permaneça submissa às suas ordens. O que não acontece como planejado, levando em consideração que a adolescente possui um temperamento forte, deixando claro que não nasceu para ser subjugada, e calando o crápula de seu marido com um olhar ameaçador. No que tange a este recorte do discurso, não iremos explorá-lo, então prossigamos a análise, voltando nossa ferramenta de interpretação para a relação elemental que a personagem alimenta com a religião e a natureza.

O primeiro trecho escolhido está inserido em um momento delicado de sua narração, em que a personagem rememora sua infância, especificamente o episódio da língua decepada. É possível enxergar a percepção ingenuamente infantil desta, enfatizando que a figura paterna era capaz de curar qualquer coisa, até mesmo o pedaço de sua língua: “O curador Zeca Chapéu Grande **tudo podia**. Se transformava em muitos encantados nas noites de jarê. [...] Meu pai curava loucos e bêbados, **colocaria meu pedaço de língua em minha boca**” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 120, grifo nosso).

Courtine (1981) declara que a memória discursiva “diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos” (p. 53), deste

modo, aplicando-a a memória da mais nova, vê-se como a armadura de invencibilidade que ela criou sobre a imagem do pai, observando-o curar inúmeros males, impactou em sua decisão ao manusear a faca. Para o coletivo, as manifestações mediúnicas de Zeca faziam-no ser capaz de executar qualquer façanha que os saberes acadêmicos dos médicos não eram capazes de alcançar, fato que sua filha absorveu, após intensa repetição de afirmações envolvendo o nome do curador, e pôs-se em risco.

O próximo excerto destaca a opinião de Belô quanto ao desespero coletivo da comunidade de Águas Negras no que diz respeito a remover a “mão” de Zeca Chapéu Grande de suas cabeças após a morte do curador: “Como poderia tirar a **mão de meu pai** de minha cabeça? **Meu pai se foi e a mão dele também**. Nem que quisesse seguir à risca as crenças, **ainda assim não tiraria sua mão de mim**” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 186, grifo nosso). Neste fragmento, há uma oposição discursiva de quebra da lógica da língua, isto porque o substantivo feminino “mão” pode ser interpretado e contraposto em dois sentidos divergentes. O primeiro resgata o significado enciclopédico que nos vêm à mente assim que o significante é acionado, ou seja, a “parte dos membros superiores do corpo humano que vai dos punhos até à extremidade dos dedos” (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2019); mas também há uma segunda versão, que faz referência à faceta mística do romance. A mão, neste caso, seria o apadrinhamento espiritual de um curador específico, o responsável pela prática do Jarê naquela região.

Belonísia destaca que: “meu pai se foi, **e a mão dele também**” (grifo nosso), fazendo-se clara quanto ao seu posicionamento. Mesmo que seguisse fielmente as demandas da religião, ainda não considerava necessário este alarde, visto que seu pai não mais transitava pelo plano terreno, e não havia preocupação neste quesito. Em respeito ao patriarca da família, optou por permanecer com sua benção, por mais que a tensão estabelecida pela memória discursiva pedisse o contrário.

Por fim, a terceira narradora, Santa Rita Pescadeira, conta sua história enquanto entidade atemporal que atravessou os séculos zelando por seu povo, desde a escravatura que castigou o sangue de seus protegidos, até a aflição dos atuais residentes da Chapada Diamantina. Observou-se grande verossimilhança quanto a descrição histórica do garimpo, em que ela narra: “Vi homens enlouquecerem sem dormir, varando noite e dia no rio Serrano, nas serras, nos garimpos, entocados na escuridão para ver o brilho mudar de lugar” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 195). Banaggia (2017) elucida que as origens do Jarê e do garimpo coexistiram historicamente, dado que este se

desenvolveu nas Lavras Diamantinas, o que “conecta sua história intrinsecamente à da região, marcada pela extração de pedras preciosas até bem recentemente.” (BANAGGIA, 2017, p. 125).

É sob o olhar de Santa Rita Pescadeira que presenciamos uma das primeiras investidas de repressão contra os moradores de Águas Negras, quando Estela — esposa do fazendeiro que assume a gerência da fazenda — se une ao pastor da igreja protestante para tentar persuadir os praticantes de Jarê, que estavam fragilizados pela morte de seu curador e por todos os outros incidentes “aleatórios” que vinham acontecendo misteriosamente na região. Uma das medidas empreendidas contra os agricultores é perceptível no seguinte trecho: “Falou que ali se praticou jarê por muito tempo. Que dona Salu tocava tambor, **mas que agora todos precisavam ouvir a palavra de Deus**” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 221, grifo nosso), pois Estela visita os moradores que ali residem a fim de convertê-los a sua religião, ou seja, fazendo uso da palavra do Deus cristão para, mais uma vez, tentar convencer a população negra a abandonar suas raízes e ser individuada pelo Estado. Parafraseando Orlandi (2012), o sujeito individuado nada mais é do que um produto do Estado capitalista, o movimento de um sistema falho, que tenta padronizar a partir de uma determinada ideologia, mas que não propicia condições equitativas para que o indivíduo ascenda nesta sociedade, ou seja, não dispõe de uma adaptação das normas existentes ao cenário concreto de aplicabilidade.

A própria Salustiana, mãe das meninas, declara sua opinião acerca das investidas: “Aquela visita era parte da tormenta que sofriam há tempos para constrangê-los, até não sobrar mais nada” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 222). Como explicamos anteriormente, a catequização como forma de dominação não é uma ferramenta recente, pois a tentativa de sufocar uma cultura faz com que os sujeitos sejam desligados de seus antepassados aos poucos, até que não haja mais dúvidas de que estão completamente rendidos ao padrão eurocêntrico.

Após isto, a entidade cabocla se enfurece e articula meios efetivos para encerrar o mau agouro que o fazendeiro trouxe às suas terras. É nesta ocasião que ela encontra auxílio no corpo das duas protagonistas, utilizando a força de Bibiana para preparar uma armadilha para o homem, que ela intitula de “onça”; e a coragem de Belonísia, para quem dispõe um vocabulário recheado de elogios que exaltam sua bravura e aliança elemental:

Selvagem, conhecia a terra como ninguém. [...] Seu nome era **coragem**. Era da linhagem de Donana, a mulher que pariu no canavial, que ergueu casa e roça com a força de seu corpo. [...] Belonísia era a **fúria** que havia cruzado o tempo. (VIEIRA

JUNIOR, 2019, p. 254, grifo nosso)

A narradora elabora um jogo a partir da seleção lexical, alternando entre o emprego de adjetivos e substantivos, para ressaltar a resiliência e força que corre nas veias de Belonísia. Os termos “selvagem”, “coragem” e “fúria” não são sinônimos, mas partilham de uma semelhança propiciada pelo contexto em que estão inseridos, pois esta tríade, em consonância a construção da personagem, diz muito mais sobre a sua capacidade de destruir aqueles que os ameaçam, do que sobre uma violência exacerbada e sem medidas.

Considerações Finais

A sociedade está evoluindo, e nós, como sujeitos movidos por ideologias que circulam nos diversos âmbitos que a compõem, devemos compreender as nuances que ainda envolvem a intolerância contra afro-religiosos, e como isto impacta diretamente no exercício da liberdade de expressão destes indivíduos, para que este assunto não seja apenas uma falsa promessa acadêmica que só encontra execução na teoria.

Itamar Vieira Junior trouxe aos olhos de brasileiros e estrangeiros, o protagonismo feminino de personagens negras inseridas em uma religião marginalizada que existe exclusivamente na região da Chapada Diamantina, sem que sua escrita fosse intoxicada por estereótipos eurocêntricos que tornassem a história uma repetição dos mitos plantados pelo colonizador no imaginário coletivo.

O papel da memória discursiva, para a interpretação do romance, é crucial, visto que é possível, através dela, enxergar as peculiaridades que o autor atribui a cada personagem e como elas se diferem no modo de relacionar-se com o credo, mesmo que sutilmente. Há orgulho intrínseco em seus corações, mas a espiritualidade é vivenciada em particular, sem permitir que a interferência de outrem abale a consciência de coletividade suscitada pela comunidade de Águas Negras. Sendo assim, é evidente o quanto a materialização de uma ideia como a de *Torto Arado* traz à luz debates até então silenciados pela mão modalizadora do Estado, aflorando o sentimento revolucionário adormecido no coração de seus leitores.



Referências

ARAÚJO, Victor Antônio Bispo de; ACIOLY, Augusto Cesar. **INTOLERÂNCIA CONTRA AFRO-RELIGIOSOS: Conhecendo o candomblé dentro da sala de aula.** *In: XVII Encontro Estadual de História–ANPUH-PB*, e-ISSN:2359-2796, v. 17, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/73452611-Intolerancia-contrafro-religiosos-conhecendo-o-candomble-dentro-da-sala-de-aula-1.html>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

BANAGGIA, Gabriel. **Conexões afroindígenas no jarê da Chapada Diamantina.** *R@U*, Sergipe, V. 9, n. 2, p. 123-133, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2017/12/07_Gabriel_Banaggia.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

CAMARGO, Cássio Michel dos Santos. **Memória discursiva e a Análise do Discurso na perspectiva pecheuxtiana e sua relação com a memória social.** *Saber Humano*, Restinga Sêca, ISSN 2446-6298, V. 9, n. 14, p. 167-181, Jan./Jun. 2019.

COSTA, Valéria Gomes. **É do dendê! História e memórias urbanas da nação xambá no Recife (1950-1992).** São Paulo: Annablume, 2009.

DOMINGOS, José; BEZERRA, Carla Tamires Pereira. **Memória discursiva e interdiscursividade: um diálogo entre gerações na (des)construção da Amélia.** *Discursividades*, ISSN 2594-6269, V. 1, n. 1, Out. 2017. Disponível em: <<http://marcadefantasia.com/revistas/discursividades/discursividades1-10/discursividades1/2-josedomingos.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes, 1999.

_____, **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia.** Campinas: Pontes, 2012.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado.** Alfragide: Leya, 2019.

MOTTA, Aydano André; JACOBS, Cláudia Silva. **País registra cada vez mais agressões e quebra de terreiros.** Super interessante, 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/sociedade/pais-registra-cada-vez-mais-agressoes-e-quebras-de-terreiro/>>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

PONTES, Gustavo. **Línguas indígenas, missionários e dominação colonial: O catecismo da doutrina Christã na língua brasilica da nação kiriri.** Blog da BMM: 2021. Disponível em: <<https://blog.bbm.usp.br/2021/linguas-indigenas-missionarios-e-dominacao-colonial-o-catecismo-da-doutrina-christaa-na-lingua-brasilica-da-nacao-kiriri/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20historiador,povos%20da%20Am%C3%A9rica%20do%20Sul%20>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

SANTINI, Juliana. **Realidade e representação no romance regionalista brasileiro: tradição e**



atualidade. O eixo e a roda, v. 23, n. 1, 2014. Disponível em:
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5908/5126>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

SILVA, Maria Rejane da. **Intolerância e demonização das práticas religiosas afro-brasileiras na cidade de Petrolina/PE nos anos de 40 e 70**. In: X Encontro Estadual ANPUH-PE: História e contemporaneidade, Pernambuco, 2012.

ZERBETTO, Sonia Regina; GONÇALVES, Angélica Martins de Souza; SANTILE, Nátaly; GALERA, Aparecida Frari; ACORINTE, Ana Carolina; GIOVANNETTI, Gisele. **Religiosidade e espiritualidade: mecanismos de influência positiva sobre a vida e tratamento do alcoolista**. Escola Ana Nery, 2017. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ean/a/Jq3yrvvNZHxFFGc4jRNtqrj/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.